



A taróloga Magali Suchy chegou a se espantar com o otimismo que cerca o ano 2000, regido por Júpiter

TARÔ

CARTAS MARCADAS

Ricardo Daehn

Da equipe do **Correio**

Tem gente que ainda não está preparada para ouvir tudo. Magali da Fonseca Henrique da Silva, ou melhor, Magali Suchy — depois de consulta numerológica — sabe disso. Há 38 anos movendo as 78 lâminas do tarô, ela descobre segredos, antevê elementos de motivação e constata perdas e desilusões.

A responsabilidade de repassar essas informações lhe pesou nos ombros, e há seis anos vem se recusando a abrir o baralho para pessoas que não sejam da família. “Clientes já tiveram até reações de pânico”, argumenta. A exceção só cabe ao seletivo grupo de aprendizes, com o qual compartilha a experiência de decodificar os símbolos que orientam suas previsões. “Acredito piamente no tarô, que é uma síntese de todo o conhecimento da humanidade. Eu, sim, é que posso falhar por algum desgaste de energia, ou coisa parecida.”

“Trabalho para a prevenção e o preparo para situações inesperadas. Se tiver jeito, dá tempo de contornar problemas. Não adianta sofrer por antecipação. Mexo com o terreno das probabilidades”, define. Captando componentes do inconsciente coletivo dispostos em planos cósmicos — e sugeridos

no baralho —, Magali cruza conhecimentos de tarô, astrologia e numerologia.

A previsão otimista de um novo ano, regido por Júpiter, retardou a curiosidade de Magali pelas previsões, normalmente verificadas em setembro e outubro. Foi atendendo a pedido do **Correio Braziliense** que depa-rou com algumas surpresas e até com o inesperado.

“Eu estou boba! O tarô tá muito otimista, hoje”, espantava-se a cada revelação. O tarô mitológico, repleto de lendas gregas, encarregou-se, a princípio, da ótica genérica. “Será um ano de reajustamento energético. A regência de Júpiter vai tratar das forças de Justiça, e haverá uma cobrança muito forte. O Brasil será recompensado. Terá sorte material e contará ainda com ajuda externa”, prevê Magali.

POLÍTICA

Descartando a ocorrência de qualquer “milagre financeiro”, Magali adentrou assuntos em que “sempre rola muita coisa pesada: a economia e a política”. Mais uma vez a população estará em desvantagem em relação ao governo. “É novamente época de grandes sacrifícios. Teremos que evitar gastos excessivos”, alerta.

No outro extremo, a carta Rainha de Ouros marcava a disposição dos políticos “que gostam de aparecer”. Gastos desneces-

sários e valorização de atitudes de ostentação estavam evidentes. “Entre julho e agosto haverá enfrentamento desta realidade, quando poderemos tender ao equilíbrio. Mas será apenas um golpe de sorte, uma força mágica atuando”, adianta.

O próximo ano será proveitoso para renovação de estruturas políticas. “Haverá um processo de expurgo. A perda acentuada de prestígio fará o presidente adotar uma nova postura. Vejo um tempo de humildade e de um povo mais consciente de seus direitos. A tensão virá entre outubro e novembro”, postula. Mas, na avaliação da taróloga, não haverá precedente para guerra civil, ou nada do gênero. “A carta da briga está aqui representando confronto de idéias. Os graúdos devem seguir o exemplo dado pelo povo”, sugere.

O governador Joaquim Roriz vai passar por “poucas e boas”, na opinião da mística. O Pajem de Copas — que reflete o narcisismo, e estava situado no campo negativo do jogo — indica auto-imagem insatisfatória. “Ele até já pensou em deixar o cargo, mas agora está mais apegado do que nunca. A carta da Viagem aconselha: ‘Meu amigo, fuja...’” O Oito de Paus aponta uma mudança, que pode vir em formato estratégico — por problemas de saúde, ou desculpa de viagem.